

ENTRE A CASA-GRANDE E O MOCAMBO: *O MOLEQUE RICARDO* NO CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR DE JOSÉ LINS DO REGO

PAULA MACIEL BARBOSA
Universidade de São Paulo

Resumo

O ensaio discute a inserção de *O Moleque Ricardo*, de 1935, no ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego. Defende-se a unidade dos cinco romances do ciclo, publicados entre 1932 e 1936, que figuram o momento de transitoriedade histórica em que foram escritos. A centralidade do tema do trabalho no romance de 1935 ilumina a importância desse tema em todo o ciclo, que mostra-se afinado aos debates nacionais em pauta na década de 1930. Em um segundo momento, caracteriza-se a ambiguidade do ponto de vista narrativo, devida à coexistência de proximidade e distância em relação aos trabalhadores, personagens centrais do romance.

Abstract

The essay discusses the inclusion of José Lins do Rego's Moleque Ricardo, published in 1935, in the author's sugarcane cycle. The paper develops an argument for the unity of the cycle's five novels, published between 1932 and 1936, which outline the moment of historical transience in which they were written. The centrality of the theme of work in the 1935 novel highlights the importance of this issue throughout the whole cycle, which proves to be in tune with national debates in the 1930s. A second moment in the essay characterizes the ambiguity of the point-of-view, a result of the coexistence of proximity and distance in relation to the workers, central characters in the novel.

Palavras-chave

José Lins do Rego,
o ciclo da cana-de-açúcar,
O Moleque Ricardo,
romance de 30,
trabalho.

Keywords

José Lins do Rego,
sugarcane cycle,
O Moleque Ricardo,
1930s Brazilian novel,
work.

Coube a José Lins nascer e passar a infância num período de crise, isto é, do romance em potencial.

Carlos Drummond de Andrade

O ciclo da cana-de-açúcar

Os cinco primeiros romances de José Lins do Rego formam um conjunto conhecido como o “ciclo da cana-de-açúcar”. Escritos e impressos entre 1932 e 1936, um por ano, acompanham o rápido percurso do autor, de estreante a escritor de grande prestígio e grandes tiragens. Desse percurso também dá testemunho o fato de que seus dois primeiros livros – *Menino de Engenho* e *Doidinho* – tenham sido editados por pequenas editoras e o terceiro, *Banguê*, já tenha sido encomendado ao autor por José Olympio para uma edição de 10 mil exemplares. A parceria de autor e editor será mantida até a morte do escritor em 1957 e acarreta, em 1935, a transferência de José Lins de Maceió, onde vivia desde 1926, para o Rio de Janeiro. Desse modo, *O Moleque Ricardo* foi escrito parte em Alagoas e parte na Capital Federal, onde o autor escreveu *Usina* e seus próximos sete romances.

O ciclo não pode ser lido sem que se leve em conta o momento em que foi escrito e com o qual dialoga. Período conturbado e de transição, os primeiros anos pós-Revolução de 1930 são desses momentos especiais em que um horizonte utópico se abre e o debate público trata de mudanças nas instituições e na organização das bases econômicas. Ao mesmo tempo, em paralelo a esse sopro de renovação, a historiografia aponta também a continuidade entre as elites da Primeira e da Segunda Repúblicas.¹ Como sempre costuma acontecer, os donos do poder e da propriedade se unem e se acertam em suas diferenças para evitar o “mal maior”. O resultado dessa equação é que os que se organizam a favor de uma sociedade mais justa são desarticulados e sofrem na carne as consequências de uma reação violenta em nome da “ordem”.

Edgard Carone, baseado no estudo sistemático de documentos da época, aponta o caráter complexo e de transitoriedade do período 1930-1937:

Nos momentos de transição, coexistem formas novas e velhas. Apesar de os grupos dirigentes da Primeira República terem sido contestados somente do ponto de vista político, em outubro de 1930, o resultado foi totalmente inesperado. A ação tenentista e o inconformismo operário conduzem a um impasse, obrigando os segmentos agrários e urbanos vitoriosos a um recuo. É após os acontecimentos de 1935 e 1937 que Getúlio Vargas, aliado a grupos rurais e parte do Exército, restabelece aparentemente a velha situação. Entretanto, o imenso resultado prático desses anos nos leva a constatar que economia, sociedade e política aparecem ainda com traços marcantes de persistência conservadora e riqueza de elementos novos. O todo aparece de forma complexa, mas, em muitos aspectos, com o caráter da transitoriedade.²

¹ Se efetivamente há uma mudança, com a perda do poder político da oligarquia cafeeira paulista e uma nova organização das instituições a favor do crescimento da indústria, a importância do setor agroexportador para a economia do país se manteve. Para entender esse novo pacto político – “a junção do ‘arcaico’ e do ‘novo’”, “a convivência de políticas aparentemente contraditórias”; os trechos citados estão na página 64 (cf. OLIVEIRA, Francisco de. “Um *intermezzo* para a reflexão política: revolução burguesa e acumulação industrial no Brasil”. In: _____. *Crítica à razão dualista: O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 61-69). Para Edgard Carone, “o sistema político ainda continua a ser dominado pelas classes tradicionais, apesar do interregno tenentista” (CARONE, Edgard. *A Segunda República (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1974, p. 5). Segundo Boris Fausto, “a Revolução de 30 não mudou as relações de produção nem a formação das elites políticas” (*A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 86).

² CARONE, op. cit., p. 5-6.

Essa transitoriedade do período caracteriza o ciclo da cana-de-açúcar, comparecendo como tema e como forma, como pretendemos demonstrar. Nesse sentido, entendemos o ciclo como uma unidade que deve ser vista em seu conjunto,³ o que não impede que se estude, também, cada um dos cinco romances de forma independente. Esse é, aliás, o objetivo deste estudo,⁴ que tratará de *O Moleque Ricardo*, sem, contudo, deixar de pensá-lo em sua relação com os outros quatro romances. A escolha desse livro deve-se a sua situação um tanto “problemática” no ciclo, o que faz com que seja considerado quase uma exceção na obra do autor, embora não se possa negar sua inserção no ciclo da cana-de-açúcar, seja pela personagem que dá título ao romance – que está presente desde o primeiro livro do autor, companheiro que é do menino narrador –, seja pela continuidade marcante entre esse romance e *Usina*, de 1936, cujo prólogo é uma continuação do romance anterior, pois retoma os acontecimentos vivenciados por Ricardo depois de sua saída de Recife para a prisão na Ilha de Fernando de Noronha, enquanto narra a volta de trem do ex-moleque da bagaceira para o engenho.

Como exemplo dessa dificuldade de classificação de *O Moleque Ricardo*, a mais conhecida tentativa de estudo crítico de toda a obra do autor – *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, de José Aderaldo Castello – trata do romance no sétimo capítulo da segunda parte, intitulado “Obras independentes” (o quinto capítulo trata dos romances do ciclo da cana-de-açúcar, o sexto, dos do ciclo do cangaço). O problema não passa despercebido pelo crítico, que afirma:

Aparece como integrante do ciclo da cana-de-açúcar, por indicação de seu próprio autor, o romance *O Moleque Ricardo*. Mas, rigorosamente, é uma obra não só dissociada do ciclo, como até mesmo da paisagem nordestina, conforme esta se apresenta nos demais romances regionalistas de José Lins do Rego. Certo que não perde a substância regionalista característica de tais romances, mas a sua verdadeira preocupação é conduzida para a paisagem citadina, particularmente a dos mucambos do Recife, e para as lutas partidárias e ideológicas, comunistas, da época a que se refere, vividas pelo próprio romancista quando estudante e logo depois de formado, na capital pernambucana.⁵

O problema seria a ambientação urbana e a inclusão das lutas sindicais, o que afastaria o romance do universo rural dos engenhos. No entanto, se aceitamos que o ciclo trata do trânsito entre dois tipos de organização social, do período de transição entre a escravidão e o trabalho assalariado, o romance de 1935 nele se insere plenamente. Vistos da perspectiva dos anos pós-Revolução de 1930, os acontecimentos dos trinta primeiros anos do século XX – período tratado pelo ciclo da cana-de-açúcar⁶ – ganham reverberação, uma vez que o longo processo de transição passava por um momento de maior efetivação das mudanças.

³ Embora a unificação em um ciclo tenha sido pautada pelo interesse do editor e não fizesse parte dos planos do escritor no princípio da empreitada, a nota à 1ª edição de *Usina* não deixa dúvida quanto à aceitação, naquele momento, da ideia do ciclo por José Lins do Rego. A leitura dos artigos de imprensa da época – marcada por grande vitalidade na recepção e na discussão dos romances – também aponta para a recepção dos cinco livros como uma unidade. Manuel Bandeira, por exemplo, em 1936, em artigo para *O Jornal*, afirma: “Não tenho a menor dúvida em afirmar que aqui, nestes cinco livros do romancista paraibano, está o ponto de partida da verdadeira prosa brasileira. [...] Nunca escrevi uma linha sobre José Lins do Rego. E andei bem, porque, se tivesse escrito, incorreria na mesma estreita visão dos que trataram de cada um daqueles cinco romances isoladamente. Embora cada romance tenha sua unidade bem definida, a verdade é que o romancista trazia de reserva uma unidade de ordem superior, que só agora se completa com *Usina*. E vista destas alturas, a obra assume uma importância como talvez não tenha nenhuma outra de ficção em nossas letras”. (BANDEIRA, Manuel. “Ciclo da cana-de-açúcar”. In: COUTINHO, Eduardo; CASTRO, Ângela Bezerra de. *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições Funesc, 1991, p. 310-311).

⁴ Este ensaio é parte de um estudo mais longo, ainda em curso, sobre *O Moleque Ricardo*.

⁵ CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961, p. 157.

⁶ Os marcos temporais são discretos, mas algumas pistas esparsas relacionam as narrativas a um período aproximado: *Menino de Engenho* (1903-1911), *Doidinho* (1911), *Banguê* (1923-1927), *O Moleque Ricardo* (1918-1924), *Usina* (1927-1932). O confronto entre alguns marcos históricos, a idade das personagens Carlos e Ricardo (que têm a mesma idade) e o período de duração do enredo de cada romance dão balizas cronológicas às vezes contraditórias. De qualquer forma, a imprecisão – provavelmente devido à velocidade de escrita e edição dos cinco romances do ciclo – não afeta o quadro geral. A memória de algumas personagens estende o período tratado até meados do século XIX.

A transformação no processo de produção do açúcar – dos banguês para as usinas –, nas relações sociais e na organização do trabalho é o assunto do ciclo, que trata, também, do trânsito entre o campo e a cidade. “Nos primeiros decênios do século XX a situação do mercado de trabalho nacional muda radicalmente”⁷ e se territorializa, isto é, depois de séculos trazendo da África os trabalhadores escravizados e algumas décadas se organizando para fomentar a vinda de europeus e asiáticos, “o Estado deixa de intervir na captação de proletários estrangeiros para cuidar do enquadramento do proletariado nacional”.⁸ Uma grande leva de trabalhadores rurais migra para as cidades, principalmente para as capitais do Sudeste do país, para formar a reserva de trabalhadores. Esse novo enquadramento é tratado no ciclo da cana-de-açúcar, que dessa perspectiva ganha em interesse, afastando-se da leitura mais comum, segundo a qual a obra de José Lins do Rego é um “monumento a uma era já quase extinta”,⁹ como se dessa “era” não restasse nada e o ciclo não tratasse do presente e de suas contradições.

Na mesma perspectiva, em estudo que trata “a escravidão como momento da história do trabalho no país”,¹⁰ Adalberto Cardoso aponta o erro de se pensar que a ordem escravocrata tenha “sido enterrada com a Abolição, não transferindo ao momento posterior nada de sua dinâmica (e inércia) mais geral”. O autor aponta “profundas continuidades, ao lado de evidentes rupturas com o passado escravista, no processo de construção da ordem capitalista no Brasil”. O lastro da escravidão seria responsável por uma “hierarquia social de grande rigidez e vazada por enormes desigualdades”.¹¹ Essa *fratura social herdada da etapa anterior* alicerça os romances do ciclo da cana-de-açúcar e será responsável pelos problemas na formação da subjetividade das personagens e do ponto de vista da obra. Nunca é demais lembrar o que todos sabemos: essa fratura herdada ainda existe no Brasil de hoje, 83 anos depois da estreia de José Lins do Rego.

O período tratado pelo ciclo é o da passagem, no Brasil, da ordem escravocrata agroexportadora para a industrialização:

o escravismo constituía-se em óbice à industrialização na medida em que o custo da reprodução do escravo era um custo interno da produção; a industrialização significará [...] a tentativa de “expulsar” o custo de reprodução do escravo do custo de produção. [...] O longo período dessa “expulsão” e dessa “criação” [de uma periferia], desde a Abolição da Escravatura até os anos 1930, decorre do fato de que essa inserção favorecia a manutenção dos padrões “escravocratas” de relações de produção; será somente uma crise no nível das forças produtivas que obrigará à mudança de padrão.¹²

Esse “longo período” é tratado com atenção pelos cinco romances que compõem o ciclo a partir da perspectiva do momento pós-revolucionário, nos anos de acomodação e novos ajustamentos. Essa perspectiva se explicita em *O Moleque Ricardo*, que fala das lutas sindicais da década de 1920, discutindo simultaneamente – mesmo que nas entrelinhas – o momento presente. A centralidade do tema do trabalho no romance ilumina a importância desse tema em todo o ciclo e sua inserção nos debates nacionais em pauta na década de 1930. A Revolução de 1930 fundou novas formas de

⁷ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “A pré-Revolução de 30”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, setembro 87, p. 18.

⁸ *Ibidem*, p. 20.

⁹ ATHAYDE, Austregésilo de. “Sois um tema literário e humano bastante complexo”. In: COUTINHO, Eduardo; CASTRO, Ângela Bezerra de. *José Lins do Rego* (Coleção Fortuna Crítica n. 7), op. cit., p. 87.

¹⁰ CARDOSO, Adalberto. “Escravidão e Sociabilidade Capitalista: um ensaio sobre inércia social”. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 60, março 2008, p. 72.

¹¹ As citações encontram-se nas páginas 71 e 72.

¹² OLIVEIRA, op. cit., p. 66, marcas minhas.

relacionamento entre o capital e o trabalho.¹³ Em discurso de posse como ministro do recém-criado Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, em dezembro de 1930, Lindolfo Collor afirma: “É o Ministério do Trabalho, especificamente, o Ministério da Revolução”.¹⁴

O trânsito cidade-campo no ciclo da cana-de-açúcar

A transitoriedade figurada nos romances do ciclo comparece também espacializada como trânsito entre a cidade e o campo. A passagem contínua entre dois espaços é uma das marcas dos cinco romances e pontua, sempre, o começo e o fim de cada um deles. Assim, *Menino de Engenho* começa em Recife, com a narração do assassinato da mãe do narrador – Carlinhos ou Carlos de Melo – pelo pai. O menino é levado da cidade ao engenho para ser criado pelo Coronel José Paulino: “Três dias depois da tragédia, levaram-me para o engenho do meu avô materno. Um mundo novo abria-se para mim. [...] Lembro-me da viagem de trem”.¹⁵ A estrada de ferro é o eixo de união entre os dois espaços e elemento muito presente nos enredos dos romances do ciclo. No fim do primeiro, depois da narração de oito anos da sua vivência no engenho, o narrador, que tinha “uns quatro anos” no começo, agora com “uns doze” vai de trem para o colégio na cidade de Itabaiana: “E o trem corria para o Entroncamento. Vinha Santana, Maraú, no alto, Moçangana com o Coronel Trombone na porta. A máquina tomava água. O trem da Guarabira chegava, mais curto que o nosso”.¹⁶ *Doidinho* começa com a continuação imediata da cena, a chegada de Carlinhos à escola de Seu Maciel, e se abre com a declaração do diretor: “– Pode deixar o menino sem cuidado. Aqui eles endireitam, saem feito gente – dizia um velho alto e magro para o meu Tio Juca, que me levava para o colégio de Itabaiana”.¹⁷ O mesmo Tio Juca trouxera Carlinhos de Recife para o engenho. Antes do final de um ano escolar, no entanto, é sozinho que a personagem toma o trem para o engenho, fugindo da escola. A viagem de trem é descrita em detalhes no último capítulo e o romance acaba com o menino parado, contemplando o engenho:

Mas cadê coragem para chegar? Já me distanciava pouco da minha gente. O bueiro do Santa Rosa estava ali perto, com a sua boca em diagonal. Subia fumaça da destilação. Com mais cinco minutos estaria lá. Era só atravessar o rio. Fiquei parado pensando. O rio dava água pelos joelhos. O gado do pastoreador passava para o outro lado. E cadê coragem para agir? E o tempo a se sumir. E a tarde caindo. A casa-grande inteira brigaria comigo. No outro dia José Ludovina tomaria o trem para me levar. E o bolo, e os gritos do Seu Maciel. Vou, não vou, como as cantigas dos sapos na lagoa. Um trem de carga apitou na linha. Tirei os sapatos, arregaçando as calças para a travessia. A porteira do cercado batia forte no mourão. E no silêncio da tarde, tudo aumentava de voz. Um grito do velho Zé Paulino chegou até mim:
— Ó Ricardo!

Ali no escuro é que não podia ficar. E a solidão me fez mais medo do que o povo do Santa Rosa.¹⁸

¹³ “Com o colapso das relações externas [a crise de 1929] essa hegemonia [das classes proprietárias rurais] desemboca no vácuo, mas nem por isso são dadas as condições para uma industrialização por ‘substituição de importações’. Estavam dadas as condições necessárias, mas não suficientes. A condição suficiente será encontrar um novo modo de acumulação que substitua o acesso externo da economia primário-exportadora. E, para tanto, é preciso adequar antes as relações de produção. O populismo é a larga operação dessa adequação, que começa por estabelecer a junção do ‘arcaico’ e do ‘novo’, corporativista como se tem assinalado, cujo epicentro será a fundação de novas formas de relacionamento entre o capital e o trabalho, a fim de criar as fontes internas de acumulação. A legislação trabalhista criará as condições para isso” (OLIVEIRA, op. cit., p. 64).

¹⁴ CARONE, op. cit., p. 221. Para Alencastro, no artigo já citado: “A fundação do Ministério do Trabalho, em 1930, configura outro momento-chave da ação do Estado na organização do mercado de trabalho” (p. 20).

¹⁵ REGO, José Lins do. *Ficção Completa* (dois volumes). Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1976, Vol. I, p. 56.

¹⁶ *Ibidem*, p. 138.

¹⁷ *Ibidem*, p. 141.

¹⁸ *Ibidem*, p. 287-288.

A longa citação da cena que fecha o segundo romance deve-se a sua importância na economia da obra, por seu acentuado caráter intersticial – o rio, a porteira, o crepúsculo –, figurando um espaço a um só tempo fora e dentro do engenho. Além disso, a atitude vacilante do narrador, seu “vou, não vou”, já antecipa a subjetividade de Carlos de Melo no próximo romance. De forma estranha, em um romance que parecia tratar dos anos de aprendizagem da personagem, a imprecisão de sua conclusão frustra o leitor. É como se a cena não se completasse. Outro dado importante é a evocação do grito do coronel por Ricardo que, como veremos, funciona como um duplo do narrador e terá um romance do ciclo a ele dedicado. O grito (um ouvido, um imaginado, no futuro) é mais um dos sons que compõem a cena – a cantiga dos sapos, o apito do trem, a batida da porteira no mourão, o silêncio da tarde – cheia de marcas das sensações do menino, o que faz com que ganhe intensidade e ressonância. É como se Carlos não chegasse nunca, só depois de dez anos. São estas as primeiras palavras do narrador no próximo romance, *Banguê*, passado todo no engenho: “Afastara-me dez anos do Santa Rosa. O engenho vinha sendo para mim um campo de recreio nas férias de colégio e de academia. Tornara-me homem feito entre gente estranha [...]. O mundo cresceu tanto para mim que o Santa Rosa se reduzira a um quase nada”.¹⁹

De maior fôlego e dividido em três partes, *Banguê* dá impressão de maior descolamento da matéria autobiográfica do autor. Carlos de Melo, já adulto e diplomado, passa a tomar conta do engenho do avô, que morre na primeira parte. As tendências perversas e doentias da personagem são reiteradas ao longo do livro e associadas às perversidades do ambiente social do engenho. Narrado em primeira pessoa, como os dois anteriores, o romance acaba com a saída definitiva de Carlos do engenho, onde passara quatro anos tentando administrar sem sucesso a propriedade herdada. A venda do Santa Rosa para o Tio Juca livra a personagem do colapso financeiro e psicológico. A cena final é a saída de Carlos de trem: “[...] comprara uma passagem de trezentos contos para o mundo. [...] O trem corria. Tudo ficava para trás”.²⁰

Em *O Moleque Ricardo*, sequência de *Banguê*, há uma quebra na cronologia e uma volta a um período não tratado pelos três primeiros romances, período abrangido no hiato de dez anos entre *Doidinho e Banguê*. Aos dezesseis anos,²¹ Ricardo foge do engenho para se empregar em Recife, dando continuidade – apesar da grande novidade do narrador em terceira pessoa e da mudança do protagonista – ao vaivém que estamos apontando nos romances do ciclo da cana-de-açúcar. No final do romance, novo trânsito, dessa vez em outra direção e em outro meio de transporte: *O Moleque Ricardo* termina com a partida de Ricardo, em um navio, de Recife para a prisão, na Ilha de Fernando de Noronha. As primeiras palavras de *Usina*, último romance do ciclo, devolvem a personagem aos trilhos: “Ricardo estava ali naquele banco de 2ª classe, do trem da Paraíba. Há anos viera ele do engenho, num trem como aquele, menino quase, de coração cheio de saudades da mãe, dos irmãos”.²² Embora o romance seja dividido em duas partes – “O Retorno” e “Usina” –, a primeira funciona como um prólogo, por sua unidade – a viagem de trem – e pequena dimensão (três capítulos contra trinta e um da segunda). O fato de que a segunda parte tenha o mesmo título do romance reitera essa sensação. A primeira parte (com exceção do terceiro capítulo, bem mais curto que os outros dois) é um longo *flashback* no qual o narrador, com muita adesão aos meandros dos sentimentos de Ricardo, faz uma ponte entre os dois romances. A impressão que se tem é que Ricardo, na viagem de volta, lembra-se

¹⁹ Ibidem, p. 291.

²⁰ Ibidem, p. 471.

²¹ Se nos baseamos na lógica dos dois primeiros romances, Ricardo teria nascido em 1899, como Carlos, e teria 16 anos em 1915, que seria, portanto, o ano de sua ida para Recife. No entanto, de forma retrospectiva, *O Moleque Ricardo* marca o ano da partida de Ricardo como 1918, pois o narrador informa várias vezes ao leitor, durante a narrativa, há quanto tempo Ricardo está na cidade e o “Movimento da Autonomia”, apoiado pelas organizações operárias, de 1922, é fato histórico central no enredo do livro.

²² REGO, José Lins do. *O Moleque Ricardo – Usina* (2º volume de Romances Reunidos e Ilustrados). Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, p. 198.

dos dois anos que passou na ilha e dos meses que trabalhou, depois da prisão, em Recife, “na construção da linha de bonde de Beberibe”.²³ Ricardo chega ao Santa Rosa e estranha as mudanças: o engenho se industrializara, virara usina, parte da Usina Bom Jesus. Sua mãe não morava mais do lado da casa-grande, na “senzala”, nem frequentava mais sua cozinha; agora morava em uma casa com fama de mal-assombrada e por isso abandonada por vários anos. Ricardo chega com ares da cidade, bem vestido, de gravata e botinas, e resolve ficar para cuidar da mãe. Emprega-se no barracão da usina, como caixeiro, onde trabalha das seis da manhã às dez da noite, vendendo mantimentos para os trabalhadores do eito da usina: “Dormia mesmo nos fundos do barracão e ganhava 60\$000 por mês com direito a comer com os oficiais na casa-grande da usina”.²⁴ As condições de trabalho são muito parecidas às de Ricardo na padaria de Seu Alexandre (salário, casa e comida), onde, como veremos, Ricardo passa a maior parte dos seus seis anos em Recife, antes da prisão. A diferença é o salário, menos da metade do da cidade. Apesar da mudança nas relações de trabalho, os trabalhadores do eito não recebiam salário como Ricardo:

Dinheiro não corria na usina. A moeda corrente era uns vales de metal. Os trabalhadores davam os seus dias de serviço e quando conseguiam saldo ficavam com a sua moeda correspondendo ao valor. Trabalhavam pelo quilo de ceará, pelo litro de farinha ou de feijão e quando o trabalho valia mais que a precisão de comer levavam para a casa o vale de tanto, a moeda que só tinha valor no barracão da usina.²⁵

O último romance do ciclo também termina com um trânsito entre dois espaços, como temos apontado em todos os começos e finais; mas a conclusão do ciclo não mantém o vaivém entre o Santa Rosa e a cidade. O final de *Usina* repete a quebra de padrão do final de *O Moleque Ricardo* e figura uma rota invertida: em um carro de boi, o usineiro – o Tio Juca (doente e falido) – abandona a casa-grande e vai em direção ao sertão, fugindo de uma grande cheia do Rio Paraíba. Há uma quebra de expectativa na imagem desse retirante usineiro que, em vez de fugir da seca e do sertão, foge da cheia e no sertão se entranha. Um pouco antes, ainda em um período de grande seca,²⁶ Ricardo morrera com uma bala nas costas, ao franquear o barracão para a horda de retirantes famintos que vinham do sertão.

* * *

O argumento aqui defendido, a saber, o fato de que a presença de um deslocamento entre dois espaços em todos os cinco romances, na abertura e no fecho, funciona como uma marca formal que dá unidade ao ciclo e explicita o tema da transitoriedade histórica que está em pauta no momento da escrita, nunca foi colocado, salvo engano, pela crítica.²⁷ O tema mais explícito da decadência dos

²³ Ibidem, p. 222.

²⁴ Ibidem, p. 273.

²⁵ Ibidem, p. 274-275.

²⁶ A seca figurada no final de *Usina* aponta para 1932, ano de uma grande seca no Nordeste, como baliza cronológica da conclusão do ciclo da cana-de-açúcar. Poderia ser, também, 1933, ano da criação do Instituto do Açúcar e do Alcool pelo governo de Getúlio Vargas.

²⁷ Graciliano, em ensaio sobre *Pureza*, primeiro romance de José Lins fora do ciclo, lançado em 1937, vê continuidade entre esse romance e os romances anteriores, com exceção de *O Moleque Ricardo*. Além disso, observa que o romance acaba em fuga: “Essa necessidade de fuga aparece com surpreendente constância nos personagens de Lins do Rego. Há neles qualquer coisa de selvagem, cigano e judeu. *Menino de Engenho*, *Moleque Ricardo* e *Usina* começam e terminam com fuga. *Doidinho* e *Bangüê* acabam em fuga” (RAMOS, Graciliano. *Pureza*. In: _____. *Linhas Tortas*. São Paulo: Martins, 1967, p. 148). O autor percebe a repetição da estrutura, mas como pensava na personagem de *Pureza* – que realmente foge de trem –, generalizou de forma um pouco imprecisa: Ricardo não foge, vai preso; Carlinhos não foge, é levado pelo tio. Além disso, o foco dado na atitude das personagens não possibilita a unificação de todos os movimentos como trânsito entre dois espaços. De qualquer forma, Graciliano percebeu a “surpreendente constância” do tema.

engenhos de banguês e do fim de um tipo de organização social, sem dúvida presente nos romances do ciclo, obnubilaram a discussão da vocação mais contemporânea da obra. O fato de que *Usina*, de 1936, discuta o presente, não costuma ser sublinhado. Uma exceção recente é o artigo²⁸ de José Luiz Passos a respeito do último romance do ciclo: “Para a confecção de *Usina*, o material à mão do romancista era, enfim, esse tempo presente que havia transformado de vez aquele universo senhorial característico, tão ricamente evocado em *Menino de Engenho* (1932) e *Banguê* (1934)”.²⁹ A análise, focada em um romance, não trata do ciclo como um todo, mas aponta a modernização em curso como a principal preocupação de escritores e intelectuais da época, aproximando *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, de *Usina*:³⁰ “Na busca de uma explicação para os caminhos da modernidade no Brasil, a geração de José Lins coincidia no diagnóstico de um pacto precário entre o Estado, a família e a organização do trabalho”.³¹ O ensaio aponta a importância da perspectiva de Ricardo, em *Usina*, mas o fato de o romance anterior não ser analisado faz com que essa perspectiva não seja abordada de forma completa. O mesmo acontece com o tema do deslocamento espacial, que é percebido com sensibilidade, mas não relacionado aos deslocamentos presentes nos outros quatro romances. Ao tratar da primeira parte de *Usina*, o crítico indica o deslocamento como elemento importante na economia da obra, em seu diálogo com o momento presente: “O autor inverte, em Ricardo, o caminho comum à migração intrarregional”.³² Ao analisar o romance anterior, no entanto, vê-se que o estudo dessa migração do campo para a cidade também é feito, tendo como exemplo Ricardo e alguns de seus companheiros, muitos deles moradores dos mocambos que começavam a aparecer no Recife.

Apenas como um parêntese, a citação de *O Moleque Ricardo* no ensaio é um bom exemplo da dificuldade de discussão desse romance pela crítica. Mesmo quando o livro é considerado, ele se dissolve entre os três primeiros romances e o último:

A história da juventude do mulato Ricardo havia sido contada no romance do ano anterior (*O Moleque Ricardo*, 1935). Aquilo que nas três primeiras obras do autor era narrado pelo viés da reminiscência de um só, a do neto Carlinhos, justapondo evocação e desengano, surge dessa vez como experiência coletiva, traçando um contraponto entre a tecnologia e o mito.³³

²⁸ PASSOS, José Luiz. “O rito da modernização impossível”. In: REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 9-28.

²⁹ *Ibidem*, p. 10.

³⁰ Mais do que de *Usina* (que de fato compartilha com *São Bernardo* o tema da modernização de uma propriedade agrícola), o romance de Graciliano, na minha opinião, aproxima-se mais de *Banguê*. Escritos no mesmo ano, 1934, os dois tratam das vicissitudes do proprietário entre a modernização da tecnologia de produção e as relações de trabalho arcaicas ligadas ao mandonismo e à violência pessoal. A aproximação do discurso das personagens Maria Alice, de *Banguê*, e Madalena, de *São Bernardo*, é um ponto forte de contato: ambas, no papel de par amoroso do proprietário que rememora em livro o fiasco da empreitada modernizadora, que acaba melancolicamente em uma atmosfera de sobrenatural, apontam as condições indignas das famílias dos moradores que trabalham na propriedade. A grande diferença é a origem dos proprietários: Carlos de Melo é herdeiro e acaba indo para a cidade depois da venda do engenho, que será transformado em usina; Paulo Honório é um *self-made man* à brasileira (para a discussão desse romance e das ambiguidades na representação da modernização brasileira, conferir o ensaio de Ana Paula Pacheco, “A subjetividade do lobisomem”, publicado na revista *Literatura e Sociedade*, n. 13, 2010). O proprietário que rompe a estratificação social anterior e passa de trabalhador a proprietário de terras aparece em *Banguê* na figura de Zé Marreira, que assombra o narrador e é um dos responsáveis pelo seu estado de total incapacidade no final do livro. A proximidade com o conto “O espelho” de Machado de Assis – também percebida em *São Bernardo* por Ana Paula Pacheco, no ensaio citado – é ponto a ser investigado.

³¹ *Ibidem*, p. 11.

³² *Ibidem*, p. 12.

³³ *Ibidem*, p. 12.

Mesmo que a experiência coletiva apareça no romance de 1935 – ainda de forma ambígua, como veremos –, é em *Usina* que a narrativa consegue uma impessoalidade maior, devido à soma de inúmeras perspectivas, aspecto que prefigura *Fogo Morto*, de 1943. É apenas ao último romance do ciclo que se refere o ensaísta quando, depois de separar os cinco romances em duas categorias, os narrados em primeira pessoa e os narrados em terceira pessoa, aponta aspecto central de *Usina* ausente do livro anterior, pois não há, em *O Moleque Ricardo*, “um contraponto entre a tecnologia e o mito”. Há mito, mas não há o contraponto apontado, na medida em que as modernidades urbanas não aparecem como problema, nem relacionadas ao trabalho. Esse ponto é interessante, pois, no ciclo da cana-de-açúcar, a tecnologia industrial está muito mais presente no campo do que na cidade, quebrando a expectativa mais corrente de associação entre indústria e cidade. Embora Ricardo tenha encontrado na cidade o que procurava, livrando-se das relações semiescravistas em que estava enredado no engenho e recebendo pela primeira vez um salário, seu emprego na padaria mantém características de sua relação de trabalho antiga. Não há uma passagem do trabalho rural para o trabalho na indústria, mas do trabalho doméstico como moleque do coronel (as funções de Ricardo no engenho iam da responsabilidade de pegar os jornais, na estação, ao cuidado com os cavalos e a ordenha das vacas) para o trabalho no setor de serviço, no comércio, como entregador de pão que dorme na padaria, também casa do patrão, que muitas vezes usa o empregado como “moleque de recado”. Por outro lado, a cidade proporciona a Ricardo o contato com o movimento sindical, trazendo uma perspectiva nova e utópica e uma consciência maior da luta de classes.

Aqui, chegamos a um ponto importante e que amplia nosso argumento inicial. O trânsito contínuo entre cidade e campo, nos romances do ciclo, além de figurar a transitoriedade histórica do período, representa os universos rurais e urbanos como um sistema econômico unificado. Os trilhos que unem o engenho ao porto participam desde o Império da economia agroexportadora que continua como setor vital da economia nacional, mesmo que a década de 1930 seja “o momento em que o valor da atividade agrícola no Brasil começa a ser superado pela da industrial”.³⁴ A figuração dos dois espaços em sua *polarização* e, ao mesmo tempo, *unificação* me parece bastante adequada para dar conta da realidade do momento. É importante lembrar que o sistema agroexportador da cana-de-açúcar, mesmo que em decadência desde o século XVIII, continua participando do jogo econômico e político da nação. Na Primeira República, com menos poder do que a oligarquia paulista, a oligarquia nordestina tinha algum peso no governo federal, ao contrário de grandes regiões do Brasil ainda vinculadas à economia de subsistência.

Nas discussões a respeito do novo pacto trabalhista no Brasil, não havia, no início dos anos de 1930, grande diferenciação entre os virtuais direitos dos trabalhadores rurais e urbanos. No fim da Primeira República, em São Paulo, polo da riqueza do país desde o século XIX – momento em que também houve uma migração (forçada) dos escravos das lavouras canavieiras para a cultura do café –, era possível a ascensão social do trabalhador rural. As diferenças regionais em matéria de organização do trabalho e perspectiva de mudança de classe são grandes no primeiro período republicano, mesmo nos três polos econômicos mais dinâmicos, o café, o açúcar e a borracha: coexistem “a rarefação e a quase escravidão da mão de obra no serviço extrativo da borracha, a pouca mobilidade trabalhadora no Nordeste, e um dinamismo crescente no Sul; só neste há possibilidade de ascensão para segmentos de operários agrícolas”.³⁵

³⁴ CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1976, p. 13. Francisco de Oliveira trata da “especificidade” da industrialização brasileira que, ao contrário do modelo “clássico” – dos países do centro do sistema capitalista – não se deu por uma ruptura radical com as classes proprietárias rurais, que já eram capitalistas desde sua origem, inseridas na economia mundial como exportadores de produtos agrícolas. OLIVEIRA, op. cit., p. 61-69.

³⁵ CARONE, Edgard. *A República Velha II – evolução política (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1977, p. 6-7.

O artigo 121 da Constituição de 1934 trata do interesse de regulamentação do trabalho “na cidade e nos campos”.³⁶ Por sua vez, o manifesto de lançamento da Aliança Nacional Libertadora, em abril de 1935, aponta os trabalhadores rurais como a fatia mais numerosa e abandonada do proletariado: “O proletariado, sobretudo as famintas massas espoliadas dos campos, pela voz de seus organismos políticos e econômicos, é a força básica em que repousam os fundamentos da Aliança Nacional Libertadora, mesmo porque ela é a imensa maioria do povo brasileiro”.³⁷

Como se sabe, os trabalhadores do campo não foram incluídos na legislação trabalhista, “a cumieira de um pacto de classe” em que “a nascente burguesia industrial usará o apoio das classes trabalhadoras urbanas para liquidar politicamente as antigas classes proprietárias rurais”.³⁸ Esse pacto, no entanto, não pode desprezar a importância da produção rural exportadora na economia do país e, portanto, o processo de industrialização nacional se dá sob “a convivência de políticas aparentemente contraditórias”, pois há necessidade de se manter

as condições de reprodução das atividades agrícolas, não excluindo, portanto, totalmente, as classes proprietárias rurais nem da estrutura do poder nem dos ganhos da expansão do sistema. Como contrapartida, a legislação trabalhista não afetará as relações de produção agrária, preservando um modo de “acumulação primitiva” extremamente adequado para a expansão global. [...] Esse “pacto estrutural” preservará modos de acumulação distintos entre os setores da economia, mas de nenhum modo antagônicos.³⁹

Os romances do ciclo tratarão do momento de gestação desse novo pacto, que tirou dos trabalhadores rurais, em sua grande maioria, descendentes de escravos, as garantias da nova legislação trabalhista. *O Moleque Ricardo* tratará desses trabalhadores que saem da exploração secular no campo para serem explorados na cidade. No período tratado pelo romance, Carlos de Melo também mora em Recife, e Ricardo tem dois rápidos encontros com ele. Como Carlos não trabalha, o seu duplo, Ricardo, será escalado para tratar do tema, no ciclo. Essa relação entre as duas personagens é construída pelos romances anteriores que marcam, reiteradamente, a coincidência da idade das duas personagens. Mais do que isso, o contraponto entre Carlos e Ricardo é estabelecido com mais vigor a partir do aparecimento do romance de 1935, no qual a interioridade de Ricardo – em seus dilemas e dificuldades na relação com os outros – aproxima-se da de Carlos. Em nota à primeira edição de *Usina*, José Lins do Rego afirma que muita gente achou Ricardo e Carlos parecidos e que é natural que se assemelhem uma vez que “viveram tão juntos um do outro, foram tão íntimos na infância, tão pegados (muitos Carlos beberam do mesmo leite materno dos Ricardos)”. Afirma, também, que “uma grande melancolia os envolve de sombras”. Se o autor chama a atenção para a grande intimidade das duas personagens, aponta igualmente a grande diferença entre elas: “o mundo do Santa Rosa não era só Carlos de Melo. Ao lado dos meninos de engenho havia os que nem o nome de menino podiam usar, os chamados ‘moleques da bagaceira’”.⁴⁰ *A ambiguidade dessa imensa aproximação e irremediável cisão*, que caracteriza o mundo social do engenho, deita raízes nas relações escravistas brasileiras, com todos os seus perversos desdobramentos. Em *Casa-Grande e Senzala*, Gilberto Freyre afirma que a cada nhonhô correspondia um moleque, seu “leva-pancada”⁴¹:

³⁶ CARONE. *A Segunda República (1930-1937)*. op. cit., p. 233.

³⁷ *Ibidem*, p. 424.

³⁸ OLIVEIRA. *Crítica à razão dualista – O ornitorrinco*. op. cit., p. 64.

³⁹ *Ibidem*, p. 65.

⁴⁰ REGO, op. cit., p. 197. Todas as citações são dessa página.

⁴¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 567.

Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano, como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos. “Logo que a criança deixa o berço”, escreve Kostner, que soube observar com tanta argúcia a vida da família nas casas-grandes coloniais, “dão-lhe um escravo de seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos”.⁴²

A figuração do duplo nhonhô/moleque, Carlos/Ricardo, é outro aspecto crucial, como tema e como forma, nos romances do ciclo. *O Moleque Ricardo* é o primeiro romance que se aproxima da perspectiva de Ricardo e o que mais se afasta do espaço rural e por isso, nele, fica mais à mostra a ambiguidade do ponto de vista do ciclo da cana-de-açúcar. Essa ambiguidade, por sua vez, aparece como problema formal – no sentido de dificuldade do escritor para unificar coerentemente seus materiais – e como mimese realista da matéria histórica brasileira. Além disso, ela se desdobra na subjetividade das personagens como culpa, inadequação e dificuldade de superação. A melancolia das personagens, ressaltada pelo autor na nota citada, mais do que à nostalgia – como é apontado pela crítica – deve-se à não superação da relação social perversa. A modernização conservadora, em mais uma de suas voltas na história brasileira, repõe o problema e continua, de certa forma, dividindo o mundo em duas categorias: brancos e negros. Se no engenho da infância de Carlos e Ricardo, poucos anos depois da Abolição, as relações escravistas se mantêm quase intactas, a partir de *Banguê* o ciclo passa a tratar das mudanças em curso. Vamos acompanhá-las na cidade e da perspectiva dos que trabalham, a maioria negros, no romance de 1935. A figura do narrador, no entanto, mantém a presença da perspectiva dos brancos.

A ambiguidade do ponto de vista em *O Moleque Ricardo*

O enredo do romance conta a história de um trabalhador que vivia em um sistema de trabalho ainda muito vinculado à escravidão e que vai à cidade à procura de um emprego remunerado que o mantenha longe dos gritos e caprichos do coronel. Sua situação ambígua, de escravo e não escravo, é figurada no primeiro capítulo. Fugindo do jugo das relações de trabalho semiescravistas, transforma-se em um trabalhador pobre na cidade, tomando contato com o movimento sindicalista pernambucano da década de 1920. Seus companheiros de trabalho, em Recife, são todos negros ou mestiços, à exceção de alguns portugueses. Entre os anos de 1918 e 1924, acompanhamos o percurso de Ricardo no novo ambiente, tanto em seu amadurecimento e ascensão profissional quanto em suas perambulações pela cidade: a pé pelo bairro da Encruzilhada enquanto entrega os pães; de bonde nos fins de semana. A capital pernambucana é descrita com atenção pelo narrador e o cenário urbano é figurado como uma mescla de civilidade e miséria. Depois de dois anos na periferia da cidade, empregado na casa do condutor de trem que o levava a Recife, Ricardo vai trabalhar na padaria de um português, Seu Alexandre, onde permanece empregado até sua prisão, no final do livro. O ano de 1922, ano do “Movimento da Autonomia”, é o núcleo do enredo, no sentido de que os acontecimentos relacionados a essa greve geral são narrados de forma detida, com muitos detalhes e diálogos, de maneira que parecem tratar do presente, diferentemente da maior parte do romance, na qual um narrador onisciente conta a história de Ricardo a partir de um momento futuro e da perspectiva da casa-grande do engenho Santa Rosa. Na abertura do livro, antes mesmo de saber que Ricardo fugira, o leitor é informado de sua presumida volta:

⁴² Ibidem, p. 567-568.

A casa inteira recebeu a carta com muita alegria. Ricardo vinha do Recife passar uns dias com eles. Há anos que se fora. Ainda quase menino, sumira-se do engenho sem ninguém saber para onde. Ricardo fugiu. Era assim como se comentava a saída dele para outras terras. Uns falavam que se juntara aos tangerinos, de madrugada, outros que pegara um trem de carga. O fato era que aos 16 anos, Ricardo não ia mais à estação buscar os jornais, não lavaria mais cavalos no rio. Deixara o quarto de Mãe Avelina fedendo a mijo por outros. E, no entanto, a sua fugida ele a calculara. Todos os dias aquele ir e vir de trens [...], tudo isso fazia crescer a sua imaginação. Ficou pensando em fugir. Mas a mãe? A Tia Galdina? Ele gostava da mãe, da negra Avelina. Puxara nos seus peitos os restos de leite que deixavam de sobra. “Bênção, mãe”, era assim que se levantava de madrugada, e era assim que ia dormir. A fugida ia porém crescendo. Não tinha dinheiro. Aonde que fosse encontrar dinheiro para a passagem?[...].⁴³

O primeiro parágrafo evidencia uma similaridade com o ponto de vista dos romances anteriores, como se Carlos de Melo continuasse a ser o narrador e contasse a história de Ricardo a um leitor já familiarizado com o universo do Santa Rosa. Essa sensação vai se diluir um pouco a partir do momento em que Ricardo chega à cidade, o que é praticamente o livro todo, mas os dois primeiros capítulos, mesmo que curtos, apontam com clareza essa perspectiva do narrador. O engenho é como um lastro, muito presente nos pensamentos de Ricardo, que mede a cidade a partir de sua experiência anterior, e na voz desse narrador que fala a partir da casa-grande e divide o mundo entre brancos e negros. Isso fica evidente quando nomeia a mãe de Ricardo como “a negra Avelina” e no próprio título do romance. Ao mesmo tempo, a explicitação dos meandros dos pensamentos e sentimentos de Ricardo aproxima a perspectiva do ponto de vista dos trabalhadores. Nesse primeiro parágrafo, por exemplo, a pergunta – “Aonde que fosse encontrar dinheiro para a passagem?” – pode ser de Ricardo ou do narrador. A forte marca de oralidade, característica da linguagem de José Lins do Rego, dá unidade formal à narrativa e embaralha muitas vezes o discurso do narrador e das personagens.

Outro exemplo da mistura entre narrador e personagens e da oralidade da linguagem:

Ricardo tomara o trem do Pilar. O condutor gostou. O medo do moleque era que o homem se arrependesse e não quisesse mais ele. Capaz de nem querer mais e aquele oferecimento ser só de brincadeira. Com esse susto, esperou o trem. Qual nada! O condutor queria de verdade. Quem enjeitaria um criado que se dava daquele jeito? Moleque limpo, de olhos vivos, de cara boa, um achado para o Recife, onde os moleques daquele tipo se faziam de gente, se metiam em sociedade de operários, quando não se perdiam na malandragem. O condutor fizera uma aquisição magnífica. O diabo seria se o moleque criasse asa e se perdesse. Já levava uma crioula de Nazaré que pouco durou em casa. Quando cresceram os peitos, passou-se para o mundo que era melhor. Agora não, o negro iria servir. Sentado no seu banco a princípio, Ricardo não pensava e não via nada. Agora é que a saudade o pegava de jeito. Deixara a mãe, os irmãos. Rafael fizera para ele olhos tão compridos. Avelina precisaria dele um dia. Era o mais velho. Os outros nada valiam; as meninas, quem faria por elas alguma coisa? Não devia ter vindo. Os outros não ficavam? Se pudesse fazer aquele trem voltar, voltaria para casa, para os gritos do Coronel. Uma agonia ia lhe partindo o peito.⁴⁴

A voz do narrador se mistura com a de Ricardo, em um primeiro momento – “Capaz de nem querer mais e aquele oferecimento ser só de brincadeira” –, mas logo desliza para o ponto de vista do condutor, de modo a não ficar muito claro para o leitor quanto há de ironia [do narrador] ou de preconceito [do narrador e do condutor] nas declarações sobre a aparência e a ingenuidade de Ricardo: “Moleque limpo, [...] um achado para o Recife, onde os moleques daquele tipo se faziam de gente, se metiam em sociedade de operários, quando não se perdiam na malandragem. O condutor fizera uma aquisição magnífica”. No fim do trecho, o foco recai sobre Ricardo e seus pensamentos agoniados.

⁴³ REGO, op. cit., p. 3.

⁴⁴ Ibidem, p. 7.

O narrador mantém a perspectiva dos três romances anteriores narrados por Carlos de Melo e segue muito atento aos pensamentos e observações subjetivas da personagem, comum às narrativas em primeira pessoa pautadas pelo viés da memória biográfica. No entanto, há um deslocamento, na medida em que não mais se trata do narrador-personagem. Isso me parece ser a matriz de um dos aspectos essenciais do estilo de José Lins do Rego, em seus doze romances. Mesmo quando não há um narrador em primeira pessoa, o foco parece sempre muito colado à interioridade, aos pensamentos, muitas vezes obsessivos, dos protagonistas, em um misto de reflexão e ideia fixa.⁴⁵ Em *O Moleque Ricardo* podemos flagrar esse aspecto no momento de sua formação, ainda marcado por dificuldades formais. A proximidade do narrador de *O Moleque Ricardo* e Carlos de Melo pode ser exemplificada por esse trecho do romance anterior, *Banguê*, que parece retomado no primeiro parágrafo já citado:

Onde estariam os moleques com que me criei? Vi Mané Severino de cabeça baixa, João de Joana roubando laranja, todos degradados no eito, na enxada alugada, limpando mato pelos mil e duzentos e a casa cheia de filhos. E Ricardo, o moleque Ricardo, da minha idade, aquele que acabava de rasgar as minhas roupas velhas? Fugira. Era assim que diziam daqueles que deixavam um dia a bagaceira. Fugiam como escravos. Apenas o capitão-de-mato tinha acabado. Ricardo saíra pelo mundo. Ninguém sabia para onde. Tivera mais coragem que os outros.⁴⁶

É notável a semelhança entre os dois trechos, ainda mais quando a ideia de fuga relacionada à escravidão, mais explícita no trecho de *Banguê*, logo aparece nos comentários do narrador de *O Moleque Ricardo*. No segundo capítulo, que trata dos efeitos do sumiço de Ricardo nos moradores do engenho, depois de falar das promessas da mãe para São Severino dos Ramos e da falta que os da casa-grande sentiram de seus préstimos, ele afirma: “Se fosse no outro tempo, o capitão-de-mato daria conta da peça de primeira, os jornais anunciariam as qualidades, os sinais de Ricardo, até que ele voltasse para os seus, para a mãe e o dono”.⁴⁷ Antes de continuar o argumento, um parêntese para apontar a ironia do narrador ao tratar da escravidão. Se por um lado há uma adesão a uma ideologia senhorial na separação do mundo entre moradores da casa-grande e moleques e negros, por outro há uma crítica que aponta a perversidade da situação. Essa ironia já aparece no primeiro parágrafo – “Puxara nos seus peitos os restos de leite que deixavam de sobra” – e continua nesse, quando o narrador afirma que tanto a mãe quanto o dono queriam bem a Ricardo: “ambos lhe queriam bem, bem diferente”.⁴⁸ Ou ainda, referindo-se ao coronel José Paulino: “Fez-lhe falta e grande o seu moleque ensinado”.⁴⁹ Na cena do trem, de que já tratamos, a explicitação do olhar quase escravocrata do patrão para Ricardo de permeio com as angústias e dúvidas do menino denuncia a objetificação desse olhar

⁴⁵ A obra de José de Lins do Rego corrobora a tese de José Antonio Pasta Jr., segundo a qual as personagens de nossa literatura têm dificuldade de se ver como indivíduos autônomos que reconhecem a distância em relação a outros indivíduos. Essa subjetividade malformada – anomalia do caráter nacional reiteradamente figurada na cultura brasileira – seria devida à coexistência multissecular, desde a nossa formação, de capitalismo e escravidão. A necessidade de se pautar por dois regimes contraditórios de concepção do sujeito daria origem a subjetividades incapazes de um distanciamento racional, com muitos traços de loucura e inadequação. A existência de um impasse insolúvel no “núcleo mais essencial da matéria histórica brasileira” exige “o recurso a um conjunto de formas-limite, no coração do qual se encontra o ponto de vista da morte”. A configuração do duplo Carlos/Ricardo, a forte presença da morte no romance, o transe final de Seu Lucas, a ambiguidade do ponto de vista, além da já citada propensão para pensamentos repetitivos e que não se resolvem são alguns aspectos de *O Moleque Ricardo* que apontam para a pertinência do trabalho do crítico. Conferir, do autor, “Volubilidade e ideia fixa: o outro no romance brasileiro” (*Sinal de Menos*, n. 4, 2011) e “O ponto de vista da morte – uma estrutura recorrente na cultura brasileira” (*Revista da Cinemateca*, n. 1, 2013, a citação é da p. 8).

⁴⁶ REGO, op. cit., vol. I, p. 357.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 6.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 6.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 7.

ainda tão pautado pela sociabilidade vinculada à escravidão. O final do segundo capítulo narra a chegada de Ricardo a Recife. Um curto parágrafo condensa em poucas linhas o percurso de bonde e a caminhada no escuro do menino e do condutor até sua casa. A capacidade de síntese e a sensibilidade desse narrador a um só tempo distante e próximo da personagem são bem exemplificadas no trecho que fecha o capítulo: “Andaram a pé um pedaço. Ele calado, Ricardo também. Estava fora de tudo o que era seu. Batia o coração do negro em descompasso. Estava no mundo. Àquela hora da noite Rafael dormia no colo da Mãe Avelina”.⁵⁰

Se a afinidade entre os trechos dos dois romances aproxima o narrador e Carlos de Melo, também traz um problema à continuidade dos romances do ciclo da cana-de-açúcar, mostrando que José Lins do Rego não planejava o seu romance posterior ao escrever *Banguê*, o que causou uma incoerência. O fato de Carlos aparecer como personagem no enredo de *O Moleque Ricardo* faz com que sua ignorância do paradeiro de Ricardo, em *Banguê*, torne-se inverossímil. Além disso, a presença de Carlos como personagem desabona a sensação de continuidade da perspectiva entre os dois romances. Assim, há no narrador de *O Moleque Ricardo* uma sombra de Carlos de Melo. Este, por sua vez, é personagem do livro. Nesse caso, passa-se a ver no narrador a sombra do autor, presente também em Carlos de Melo. Ricardo, como se sabe, é pessoa verídica, companheiro de José Lins no engenho do avô, que se desdobra, com o mesmo nome, na personagem, companheiro de Carlinhos no Santa Rosa. Sobreposições, imprecisões e ambiguidades que permeiam o ponto de vista dos narradores do ciclo, em *O Moleque Ricardo* ficam mais à mostra.

O ponto de vista dos narradores dos romances do ciclo da cana-de-açúcar é aspecto complexo e, apesar de muito tratado pela crítica, nebuloso. Para além da importância do ponto de vista nos estudos literários, o que está em pauta aqui é uma confusão de outra ordem, de certa forma anterior às discussões da Teoria Literária a respeito do “autor implícito”. O caráter memorialístico dos três primeiros romances do ciclo, equilibrados em uma margem instável de aproximação e distância da biografia do autor, lança uma cortina de fumaça nos esforços de esclarecimento crítico. É comum, na leitura dos romances, que se esqueça o fato de que Carlos de Melo não é José Lins do Rego. O problema é que ele é e não é ao mesmo tempo. O próprio escritor contribuiu para essa confusão em seus depoimentos e confirma essa ambiguidade ao lançar, um ano antes de sua morte, seu último livro, um volume de memórias de sua infância, *Meus verdes anos*, espelho de *Menino de Engenho*. Esse narrador, que não é mais Carlos de Melo, mas José Lins do Rego, embaralha ainda mais as tentativas do leitor de discernir entre *ficção e confissão*⁵¹ no ciclo da cana-de-açúcar. Se o leitor descobre algumas diferenças nas histórias de vida de Carlinhos e de Dedé – o apelido de José Lins na infância –, constata, também, que a subjetividade dos dois é idêntica, assim como a perspectiva do narrador memorialista.⁵²

⁵⁰ Ibidem, p. 9.

⁵¹ O título do famoso ensaio de Antonio Candido sobre Graciliano Ramos se aplica à obra de José Lins. O próprio Graciliano discute esse aspecto quando trata de *O Moleque Ricardo* em *Memórias do cárcere*. Na primeira parte, narra o momento em que é detido e levado para Recife. Do trem, avista alguns mocambos: “os célebres mocambos que José Lins havia descrito em *Moleque Ricardo*. Conheceria José Lins aquela vida? Provavelmente não conhecia. Acusavam-no de ser apenas um memorialista, de não possuir imaginação, e o romance mostrava justamente o contrário. Que entendia ele de meninos nascidos e criados na lama e na miséria, ele filho de proprietários? Contudo a narração tinha verossimilhança. Eu seria incapaz de semelhante proeza: só me abalanço a expor a coisa observada e sentida. Tornaria esse amigo a compor outra história assim, desigual, desleixada, mas onde existem passagens admiráveis, duas pelo menos a atingir o ponto culminante da literatura brasileira? Quem sabia lá? Agora morava no Rio, talvez entrasse na ordem, esquecesse a bagaceira e a senzala” (RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 40-41).

⁵² Em *Meus Verdes Anos* Ricardo aparece como companheiro de José Lins do Rego: “Os moleques sabiam de muita coisa, sabiam demais. E sabiam ensinar. O mais velho era Manuel Severino, e o mais moço, Ricardo, com a minha idade” (REGO, op. cit., vol. II, p. 1.174); “Ricardo não acompanhava os outros moleques ao pastoreador. O filho de Avelina tinha os seus privilégios. A Tia Naninha era madrinha de Ricardo. As minhas roupas que envelheciam, as fofas, as camisas, passavam para ele” (Ibidem, p. 1.224).

Na nota à primeira edição de *Usina*, de que já tratamos, o autor aponta para uma outra faceta dessa ambiguidade que parece pautar o ponto de vista dos romances, aquela entre o pessoal e o coletivo, ao afirmar que começou “querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos”.⁵³ Esse aspecto dúbio – *memória* de *todos* os meninos de engenho –, no entanto, não é ressaltado por José Lins do Rego, que conclui o pensamento sublinhando o lado pessoal de seu objetivo inicial: “Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar”.⁵⁴ O raciocínio continua para explicitar o fato de que, ao contrário de sua intenção inicial, o ciclo da cana-de-açúcar não é memorialístico, pois o memorialista se transformou em romancista: “Sucedem, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento de forças que se acham escondidas no seu interior”.⁵⁵ Há, de novo, uma polarização ambígua, pois essas forças escondidas em seu interior apontam simultaneamente para um inconsciente coletivo e para o núcleo da subjetividade pessoal, que perde sua autonomia frente a forças que não controla. A passagem do caráter pessoal e biográfico para uma figuração do coletivo e do histórico é um dos enigmas da obra de José Lins que a crítica vem tentando entender.⁵⁶

Em *O Moleque Ricardo* esse aspecto pode ser percebido como problema formal. Por ser a primeira tentativa do autor com o narrador em terceira pessoa, as dificuldades dessa nova perspectiva ficam mais explícitas. O narrador de *O Moleque Ricardo* mantém uma grande proximidade com o protagonista – meandros da subjetividade, pensamentos, cismas – e uma imensa distância, pautada pela perspectiva de classe e pelo seu presumido conhecimento da manipulação sofrida pelo movimento sindicalista narrado no romance por parte de lideranças vinculadas às oligarquias. Nesse aspecto, a impessoalidade desse narrador em terceira pessoa cai por terra e há dificuldade de unificação no ponto de vista.

No desenho argumentativo do romance há um desequilíbrio relacionado ao núcleo dos estudantes da Faculdade de Direito que participam do movimento grevista. Os capítulos que tratam desse núcleo parecem um pouco postíços, pouco amalgamados à linha principal do romance, muito colada a Ricardo (sua história e sua interioridade). A figura de Carlos de Melo parece deslocada, como se o narrador não soubesse muito bem como lidar com essa súbita marginalização de personagem tão central nos primeiros três romances e que de certa forma compõe sua perspectiva (a do narrador). O enredo, por um lado muito ordenado, tratando do período de vida de Ricardo em Recife, entre 1918 e 1924, por outro se mostra

⁵³ REGO, op. cit., p. 197.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 197.

⁵⁵ *Ibidem*, op. cit.

⁵⁶ A vocação épica da obra de José Lins é aceita com unanimidade pela crítica. Para ficar apenas com três contemporâneos ilustres e de provada inteligência sensível: 1. Manuel Bandeira, em 1936, em artigo já citado, na p. 311: “Tudo isso [a vocação de panorama sociológico das transformações econômicas da região da cana-de-açúcar] com aquele ar de quem está fazendo apenas uma crônica de família, de quem está tão somente desfiando lembranças da meninice”; ou ainda: “O menino José Lins do Rego é quem explica esse milagre de emoção que são estes cinco volumes. [...] E que sorte tivemos que esse menino possuía tão rara sensibilidade e a rara memória dessa sensibilidade”; 2. Carlos Drummond de Andrade: “O romancista colocou largamente sua presença entre os acontecimentos, seja de forma direta, seja através de impressões e modos particulares de ver e sentir; ofereceu-se em confiança, tocou-nos. Só isso? Não. Seu caso pessoal se insere numa paisagem, numa cultura, numa fase econômica e política, que passam a viver em representação dramática a nossos olhos, despercebidos até então do caráter trágico do panorama, ou ainda não habituados a encontrar toda essa tragicidade em termos (tão simples) de ficção./Coube a José Lins nascer e passar a infância num período de crise, isto é, do romance em potencial, em que uma forma de viver se despedia de toda uma região. O sentimento agudo do ficcionista captou os conflitos gerados por esse desmoronamento silencioso” (“O romancista”, crônica de Drummond no Correio da Manhã, em 15 de setembro de 1957, três dias depois da morte de José Lins. In: REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio (Coleção Sagarana), 1972, p. XXIX); 3. Mário de Andrade, em carta a José Lins de 1942: “Eu estou convencido mais que nunca que, além do valor singular de cada um dos livros de você, um dia hão de perceber assombrados a importância vasta do conjunto da sua obra. Você está fixando, mais do que qualquer sociólogo, um período da vida brasileira, o caráter de uma sociedade, e a significação crítica de uma tragédia mesquinha e implacável” (apud TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 23).

indeciso em relação à importância do grupo de estudantes que participam das duas grandes greves figuradas no romance e vivenciadas por José Lins do Rego, que morou na cidade no mesmo período e participou ativamente dos movimentos.⁵⁷ A presença de personagens e acontecimentos históricos delineiam um momento histórico específico figurado sob o prisma impreciso de um narrador a um só tempo memorialista e impessoal e pelo olhar das personagens. A figura de Carlos de Melo e o núcleo de personagens vinculados à Faculdade de Direito explicitam essa indecisão formal do romance e contribuem para a sensação de falta de organicidade da obra, muito apontada pela crítica.⁵⁸

Uma personagem-chave para o estudo desse aspecto do livro é o Doutor Pestana, figura histórica que aparece no livro com o nome modificado, mas que sempre foi reconhecida como Joaquim Pimenta, professor da Faculdade de Direito, que tinha vínculos com o movimento operário. A personagem é apresentada ao leitor no sétimo capítulo, por meio de Florêncio, companheiro de Ricardo na padaria, onde trabalha como masseiro. Florêncio e Ricardo vão a uma reunião da “Sociedade de resistência dos empregados de padaria”,⁵⁹ onde o presidente cita o Doutor Pestana em seu discurso. Na volta para casa, Florêncio fala em greve para Ricardo e apresenta a posição do líder: “O Doutor Pestana estava trabalhando para melhorar a sorte dos trabalhadores. Homem bom, *dizia ele*, tudo que é dele é do povo. Só vivia para fazer o bem ao operário”.⁶⁰ É interessante como o narrador deixa bem claro que a opinião é a de Florêncio e não a sua, de forma pouco usual no resto do livro. Essa é, afinal, uma das teses do romance: o fato de que o Doutor Pestana usa sua liderança para fins políticos que não interessam aos operários, que são iludidos por seu discurso⁶¹. As consequências trágicas desse engodo serão sofridas pelo próprio Florêncio, que morrerá vítima das complicações de um tiro que recebe quando atua na resistência contra as tropas federais, no movimento pela autonomia de Pernambuco. Antes desse movimento, o enredo trata de outra grande greve histórica, a “Campanha da Fome”, que por ser de interesse dos comerciantes tem o apoio da polícia. Pelo menos é isso que nos conta o narrador: “A Greve da fome se fez com a maior regularidade. Cada dia uma classe aderiu. Primeiro foram os operários da Tramway, os da Great Western, os catraieiros. Por fim a grande passeata, o comício monstro na frente do palácio. A polícia olhava todas as manifestações com um olho de proteção”.⁶² Nesse capítulo, Ricardo vai com Florêncio a uma reunião de trabalhadores onde o Doutor Pestana discursa e onde aparece, pela primeira vez, outra personagem importante para o entendimento desse aspecto. Trata-se da figura de José Cordeiro, amigo de José Lins

⁵⁷ Em depoimento a Francisco de Assis Barbosa, em 1941, José Lins do Rego fala de sua participação nos movimentos políticos tratados no romance: “A oratória me fascinava. Vivia promovendo greves só para fazer os meus discursos de dó de peito. A história dessas greves, aliás, está mais ou menos relatada no *Moleque Ricardo*. Saí pelo interior do estado com o Senador Manuel Borba, na campanha de sucessão do governo José Bezerra, contra a intervenção de Epitácio Pessoa” (REGO, José Lins do. Foi a velha Totonha que me ensinou a contar histórias. In: COUTINHO; CASTRO, op. cit., p. 60).

⁵⁸ A maioria dos críticos, porém – como já exemplificado com a posição de José Aderaldo Castello –, aponta a mudança de cenário, do engenho para a cidade, como causa do desequilíbrio da obra. Em ensaio recente que trata de todo o ciclo, Luciano Trigo, por exemplo, aponta o romance de 1935 como o mais fraco do ciclo: “quando abre mão de sua vocação regionalista e dissocia o drama humano do contexto e da paisagem em que ele se insere, seu texto perde vigor” (TRIGO, op. cit., 2002, p. 166).

⁵⁹ REGO, op. cit., p. 30.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 30, marcas minhas.

⁶¹ A figura de Joaquim Pimenta, de certa forma, vincula, no romance, o movimento operário das décadas de 1920 e 1930, na medida em que Pimenta participa ativamente do Ministério do Trabalho criado pela Revolução de 30. Figura de grande destaque nas negociações com o movimento operário pernambucano nos primeiros anos da década de 30, sua posição é criticada por alguns líderes operários que apontam o esvaziamento dos sindicatos pela nova legislação trabalhista. A hipótese, ainda a ser desenvolvida em outro trabalho, é de que a crítica ao caráter de manipulação do movimento operário pelos interesses de facções da elite, explícita em relação aos movimentos dos anos 1920, em *O Moleque Ricardo*, estenda-se também à legislação trabalhista criada pelo Ministério do Trabalho do governo Vargas.

⁶² *Ibidem*, p. 36.

do Rego na Faculdade de Direito, ambos alunos de Joaquim Pimenta. No romance, Cordeiro é aluno de Pestana e com ele discute na cena de que tratamos: “Foi quando levantou um rapaz que não era operário, de olhos vivos, com a palavra nervosa, estremecida de emoção: – Trabalhadores, esta greve geral em que vos jogaram é uma farsa, uma exploração infame”.⁶³ José Lins do Rego parece fazer uma homenagem a esse amigo que morreu cedo e que tinha posição incomum para os estudantes do período.⁶⁴ Sua posição é a mesma defendida pelo narrador, mas não a do autor na época dos acontecimentos, quando defendia os borbistas, aliados de Joaquim Pimenta e adversário dos irmãos Pessoa de Queiroz, mais afinados com o governo federal.

Se, até esse ponto, as personagens vinculadas à Faculdade de Direito apareciam ainda filtradas pelo olhar de Ricardo, no nono capítulo o narrador se distancia pela primeira vez de Ricardo e trata dos estudantes, na Faculdade, o que causa estranheza ao leitor. É aí que aparece Carlos de Melo, que já aparecera anteriormente como Carlinhos nas considerações do narrador sobre a diferença do tratamento dado, no engenho, aos meninos brancos e aos meninos negros. A introdução de muitas personagens novas de forma pouco motivada e desconectada do enredo do livro revela o caráter biográfico desse núcleo. Paradoxalmente, o narrador corta qualquer conexão biográfica entre Carlos de Melo e José Lins, que na época mantinha posição mais próxima da personagem de Antônio Campos, cuja “pena desaforada” não “respeitava conveniência”⁶⁵ para a defesa do Professor Pestana. O narrador tece comentários sobre o modo como Carlos de Melo é visto pelos colegas – explorador do trabalho do proletariado – e a sua aproximação com José Cordeiro:

Carlos de Melo era mais de Cordeiro, embora não estivesse com as suas ideias. Colega de ano, a sua influência intelectual fora grande sobre o neto do Coronel José Paulino. Cordeiro não lhe respeitava a fama de rico, de herdeiro de latifúndios. Metia o pau nos feudos, nos senhores de engenho, na miséria dos trabalhadores, sem que Carlos de Melo se importasse. Importava-se mais com os ataques de Antonio Campos. [...] Por isto estava sempre do lado de Cordeiro. Não que as preocupações do colega fossem as suas. Ambos viviam muito longe em pensamentos. Um se enterrando nos livros, dormindo pouco para mais se enterrar nos problemas que lhe eram vitais. O outro, dormindo pouco por causa das mulheres. Até uma rapariga tentara se suicidar por sua causa. Junto aos entusiastas da revolução do Doutor Pestana, Carlos de Melo passava por um intruso, um sujeito perdido, que trazia nas costas os crimes de exploradores, de malvados senhores de escravos.⁶⁶

⁶³ *Ibidem*, op. cit.

⁶⁴ O livro de Souza Barros, *A década 20 em Pernambuco (uma interpretação)*, é uma análise interessante feita por alguém que viveu o período e conviveu no mesmo grupo de José Lins do Rego. José Cordeiro é também homenageado no livro, no capítulo “Dois grandes vultos esquecidos”: “Nunca o anonimato vestiu de forma tão severa uma pessoa de talento como o fez com José Cordeiro. [...] Por estranho que pareça, foi na ficção de um memorialista da região que pude encontrar as páginas e as recordações mais fortes de um curto período de sua conturbada vida, justamente aquele mais cheio de encanto intelectual. O romance *O Moleque Ricardo*, mais documentário histórico do que ficção, sacode aos nossos olhos com prenome batismal e nome de família o José Cordeiro estudante e toda uma viva e contundente posição no cenário bucólico de província que passara a agitar-se com os fluxos e refluxos de uma sucessão governamental turbulenta” (BARROS, Manuel de Souza. *A década 20 em Pernambuco (uma interpretação)*. Recife: Fundação de Cultura Cidade de Recife, 1985, p. 247). O autor concorda com a tese defendida pelo narrador de *O Moleque Ricardo*: “Era o pimentismo, então, destituído de qualquer consistência socialista. A liderança exercida pelo Professor Pimenta poderia aparentar algum aspecto de luta social, mas apresentava todas as características de uma ação pessoal que se aproximava de uma liderança à maneira do ‘coronelismo’ do interior” (*Ibidem*, p. 99).

⁶⁵ José Lins do Rego e Osório Borba fundaram o jornal *Dom Casmurro*, de posição política alinhada a Joaquim Pimenta. Para acompanhar o período panfletário do autor, conferir: BRAGA-PINTO, César. “Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego”. *Revista do IEB*, n. 52, setembro/março de 2011. Segundo o autor, “durante os seis meses de sua publicação, o semanário parece ter alcançado alguma visibilidade entre a juventude da época. Dentre os colaboradores anunciados pelo jornal, vale enfatizar a participação o professor da Faculdade de Direito Joaquim Pimenta (1886-1963), figura central do borbismo, líder dos trabalhadores e fundador do jornal *Diário do Povo*, em 13 de setembro de 1921. [...] Segundo notícia publicada no *D. Casmurro*, Pimenta era ‘um pensador de ideias novas, um doutrinador sereno de multidões. Entre os professores de nossa decadente Academia, ele pode muito bem ser chamado o seu espírito novo’”.

⁶⁶ REGO, op. cit., p. 43.

Se, por um lado, a importância de Carlos de Melo nas conjecturas do narrador parece pouco motivada na linha de desenvolvimento do enredo, por outro a polarização Carlos-Ricardo tem uma função clara na argumentação do ciclo da cana-de-açúcar. Se o narrador perde um pouco a mão ao passar de forma brusca para o ambiente ideológico da faculdade, tenta se redimir, no mesmo capítulo, ao transferir o assunto tratado pelos estudantes para o ambiente da padaria. Florêncio continua sendo a ponte entre os dois universos. Conta aos trabalhadores da padaria sobre um manifesto contra o Doutor Pestana assinado por alguns estudantes, entre eles “um tal Carlos de Melo, da Paraíba”.⁶⁷ Ao ouvir o nome de Carlos, Ricardo conta a Florêncio que o conhece, ao que o amigo responde que Carlos, por ser “gente do engenho”, só pode ser contra os trabalhadores.

O narrador passa a acompanhar os pensamentos de Ricardo sobre essa polarização de classes que para ele se dá entre brancos e negros: “O moleque ficou pensando. Carlinhos era contra eles. Lembrou-se então do companheiro. De todos os meninos brancos de engenho era o melhor, o que brincava mais com os pretos”.⁶⁸ O leitor fica sabendo, nessa cena, que Ricardo já se encontrara uma vez com Carlos de Melo em Recife e que, na ocasião, Carlos lhe dera notícias de sua família.

Se a princípio Ricardo parece defender as relações cordatas que o aproximavam de Carlos, passa a refletir a respeito do que seus companheiros de trabalho defendem: “Ali na padaria se falava em aumento de ordenado, em horas de trabalho diminuídas. Havia quem falasse mais alguma coisa. A Rússia estava governada pelos trabalhadores”.⁶⁹ Ricardo imagina o engenho depois da revolução: “As terras dos grandes retalhadas pelos moradores dos engenhos. João Rouco com tantas braças de terra. Mãe Avelina com casa na areia e roçado plantado. Por isso que Carlinhos não queria. [...] A terra seria para o povo. O moleque pensou nisso muito tempo. Depois a ambição foi murchando”.⁷⁰ A ideia continua remoendo na cabeça de Ricardo, que parece mais animado naquele dia, enquanto entrega os pães. O parágrafo final do capítulo é um bom exemplo da equação ideológica do livro. Por um lado, há uma grande regressão na explicitação do medo de Ricardo de que, sem o mando do coronel, os moradores brigariam pelas terras sem organização. Por outro, há a animação de Ricardo com esse novo horizonte. Nesse dia, ao entregar os pães, Ricardo diferencia os clientes ricos, que brincavam de trabalhar e comiam com queijo o pão feito com o “suor de Florêncio”, dos pobres que passavam fome nos dias que não tinham dinheiro para pagar o pão. Por fim, Ricardo chega à conclusão de que a revolução seria impossível: “O Santa Rosa era do Coronel José Paulino. Só no dia de São Nunca passaria para as mãos dos cabras”.⁷¹ O narrador, ao informar que depois dessa conclusão “a corneta já não se exprimia com tanto entusiasmo”,⁷² parece lamentar também a impossibilidade da utopia que ele mesmo figura.

Apenas para concluir a ideia do desequilíbrio que se explicita em alguns momentos do livro de forma mais marcante, testemunhando uma dificuldade de unificação do ponto de vista, há uma cena em que o narrador, por um momento, transforma-se no escritor que rememora seus tempos de estudante. Depois de comentar que José Cordeiro não tinha forças para defender sua visão tão lúcida e diferente da dos outros estudantes – “enquanto os operários se matavam os rapazes se vendiam”⁷³ para defender as facções políticas na imprensa – o narrador afirma: “E apesar de tudo, era o melhor de todos. O Recife daquele tempo era mesmo uma lástima. Os partidos políticos só faziam corromper. Operário era a mesma coisa que capanga, e estudantes como as raparigas”.⁷⁴

⁶⁷ Ibidem, p. 46.

⁶⁸ Ibidem, p. 47.

⁶⁹ Ibidem, op. cit.

⁷⁰ Ibidem, op. cit.

⁷¹ Ibidem, p. 49.

⁷² Ibidem, op. cit.

⁷³ Ibidem, p. 116.

⁷⁴ Ibidem, op. cit.

Além desse problema formal mais flagrante, existe em *O Moleque Ricardo* uma dualidade inerente e essencial que o caracteriza. Um narrador que se equilibra entre a impessoalidade de um ponto de vista onisciente e a pessoalidade de uma perspectiva memorialista e defensora de uma tese. Além disso, parece que há dois ritmos nessa narração, dividida entre os devaneios subjetivos de algumas personagens e a figuração do coletivo e do histórico.⁷⁵

Um ensaio importante a respeito da obra de Gilberto Freyre pode ajudar a entender a raiz dessa dualidade nos romances de José Lins do Rego. Ricardo Benzaquen de Araújo aponta na obra do sociólogo “a coexistência de ensaio histórico-sociológico e memórias íntimas”⁷⁶. Mais do que isso, para o autor a ambiguidade característica da obra de Freyre mimetiza seu objeto, o sistema casa-grande e senzala, composto por “uma família extensa, híbrida e poligâmica, na qual senhoras e escravas, herdeiros legítimos e ilegítimos convivem sob a luz ambígua da intimidade e da violência, da disponibilidade e da confraternização”⁷⁷. Essa *luz ambígua da intimidade e da violência* me parece a matriz da ambiguidade que enraíza a subjetividade de Carlos de Melo e de Ricardo e que se desdobra no ponto de vista das obras. Essa coexistência de proximidade e distância é problematizada em *O Moleque Ricardo* na perspectiva do narrador que amalgama “dois pontos de vista diversos, um fraternal, outro aristocrático [...], um associado à casa-grande e o outro aos mucambos”⁷⁸. Temos assim a ambiguidade no centro do ponto de vista da obra, tanto na dualidade entre pessoal e histórico quanto na dualidade entre fraternal e aristocrático.

Os grupos sociais antagônicos, que o sistema casa-grande-senzala mantinha sob controle – ainda nos auxiliando da leitura de Benzaquen – em *O Moleque Ricardo* se polarizam em uma explicitação maior da luta de classes e da exploração capitalista da força de trabalho dos trabalhadores. Se por um lado, a tese defendida pelo romance – os trabalhadores da cidade são mais miseráveis do que os que viviam no engenho de banguê no período intermediário entre a Abolição e a industrialização da produção do açúcar pelas usinas, porque o salário que ganham não supre suas necessidades de alimentação e moradia e o sistema legal não os protege – é reacionária, por outro, a atmosfera de injustiça, perversão, morte e dor que caracteriza o mundo dos engenhos não parece abonar os velhos tempos. A fuga de Ricardo daquele mundo aponta, desde o início, para isso. Além disso, a figuração de uma camada de trabalhadores abandonados à própria sorte – que se explicitará no abandono dos ex-escravos em *Usina* em contraponto a uma classe de operários privilegiados que recebem salário e moram em casas de tijolos – remete ao momento histórico do pacto trabalhista que não inclui todos os trabalhadores.

Assim, e para concluir, a ambiguidade do ponto de vista em *O Moleque Ricardo* figura tanto as nossas raízes históricas, fincadas na escravidão moderna – “a luz ambígua da intimidade e da violência”, a indiferenciação entre o nhonhô e o moleque – quanto o momento de transição em que o livro foi escrito, testemunhando a modernização conservadora, que mantém os velhos tempos dentro de um novo momento.

⁷⁵ Em um raro ensaio sobre o romance, Virgínius da Gama e Melo trata desse aspecto dual – romance de tese no qual “a mensagem é infiltrada pelo humano, pela simpatia dolente, que, às vezes, ele infunde quase desesperada” – e considera *O Moleque Ricardo* um romance peculiar e original por seu substrato de vivência pessoal. (MELO, Virgínius da Gama e. “O romance político do Recife”. In: COUTINHO; CASTRO, op. cit., p. 278). Segundo este autor o romance trata de “um proletariado que no seu pequeno mundo da padaria já começa a sentir as influências dos mundos novos que estão surgindo, de uma consciência de classe a se formar como única maneira de resistência e sobrevivência. Uma consciência de classe ainda indistinta, ainda passível de exploração” (p. 281).

⁷⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994, p. 187.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 51

⁷⁸ *Ibidem*, p. 171.

O romance é lançado em julho de 1935, no auge da Aliança Nacional Libertadora⁷⁹ e alguns meses antes do fim das esperanças dos que lutavam por mudanças efetivas na sociedade brasileira. O fiasco da Intentona Comunista fechou de vez o horizonte utópico e explicitou a violência do Estado Novo.

Recebido em: 05/05/2015

Aprovado em: 06/06/2015

⁷⁹ O jovem Paulo Emílio Salles Gomes, em artigo de 21 de setembro de 1935 nos jornais *A Platéia* (São Paulo) e *A Manhã* (Rio de Janeiro), dois meses depois do lançamento do livro, aproximou o romance da Aliança Nacional Libertadora: “Se há um escritor que na literatura brasileira contemporânea possa ser o representante típico do movimento político-social de nosso país, esse escritor é Lins do Rego. Ele não é, como disse um crítico literário do Rio, ‘um grande escritor que devia nascer daqui a alguns anos’. Absolutamente, Zé Lins é escritor de sua época, sofrendo com o meio social em que vive uma evolução historicamente apressada. / O fenômeno *O Moleque Ricardo* está para Zé Lins do Rego assim como o fenômeno ‘Aliança Nacional Libertadora’ está para o Brasil. *O Moleque Ricardo* estava latente no Zé Lins do Rego da trilogia *Menino de Engenho*, *Doidinho* e *Banguê*. A Aliança Nacional Libertadora estava latente no Brasil de 1933-1934” (GOMES, Paulo Emílio Salles. “O Moleque Ricardo e a Aliança Nacional Libertadora”. In: CALIL, Carlos Augusto; MACHADO, Maria Teresa (Orgs.). *Paulo Emílio – um intelectual na linha de frente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Brasiliense/Embrafilme, 1986, p. 35).